

Popularidade preocupa Sarney

EYMAR MASCARO

Vinte e quatro horas depois que Sarney ocupou a rede nacional de rádio e televisão para anunciar oficialmente a moratória, um emissário do governo desembarcou em São Paulo, tendo como uma das missões encomendar pesquisas a institutos especializados que vão medir se as populações dos grandes centros brasileiros apóiam ou não a medida drástica do presidente da República. A vinda do emissário a São Paulo indica que o presidente José Sarney continua preocupado com a sua imagem e com a sua popularidade.

Nenhum outro presidente do Brasil alcançou índice tão grande de popularidade como Sarney, após o anúncio do Plano Cruzado I, a 28 de fevereiro de 1986. Mas, da mesma forma como subiu rapidamente na escala da preferência popular, Sarney caiu, como atestam as últimas pesquisas depois de ter decretado o Plano Cruzado II. Agora, o presidente tem esperança de recuperar a imagem e a popularidade com o anúncio da moratória. Seu ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, por exemplo, comentou no fim de semana que o pedido de moratória atendia também a uma reivindicação não só das classes trabalhadoras como de lideranças sindicais. Além do presidente da República, também seus ministros estão preocupados com a situação do País e com eventuais dividendos negativos das urnas, nas próximas eleições.

O governo não pode gastar dinheiro com pesquisas porque a lei não permite. Por isso, quando tem interesse em medir sua popularidade ou de conhecer o pensamento da maioria da população em relação a seus atos, as pesquisas são encomendadas por ele, mas pagas por terceiros,

ros, por amigos. As vezes, oferecidas gratuitamente pelos próprios institutos de pesquisas.

No caso da moratória, anunciada de forma oficial na sexta-feira à noite, o presidente José Sarney receberá nas próximas horas levantamentos feitos por institutos especializados que já começaram a sondar as populações no sábado, principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro. O governo está visivelmente preocupado em saber se a maioria apóia ou não sua medida porque dependerá dessa opinião o crescimento de sua popularidade. Nos governos anteriores, sobretudo os revolucionários, de 64 até 85, era comum o SNI informar os presidentes de tudo que ocorria no País, inclusive sobre as medidas que provocavam reações negativas ao governo. Com a implantação da Nova República, não se sabe se o comportamento do SNI é o mesmo. Se não for, o presidente não é tão bem informado como eram os presidentes da Velha República. Quanto maior for o prestígio popular de Sarney, menores serão as possibilidades do Congresso constituinte antecipar a eleição presidencial. Se o presidente recuperar a imagem e o prestígio, os constituintes encontrarão maior dificuldade para marcarem eleição para o próximo ano, como se cogita no Congresso. De fevereiro de 86 a fevereiro de 87, houve uma mudança no comportamento do presidente José Sarney: quando sua popularidade era alta, o presidente viajava e aparecia constantemente em público, pois sabia que seria alvo de aplausos. Com o descongelamento de preços e a imposição do Plano Cruzado II, o presidente se recolheu ao Palácio, cancelou viagens e passou a evitar o público, com sua popularidade comprometida, em baixa, expondo-o a eventuais manifestações de desagrado.



Don Felipe dá charreteira a Sarney, que não fuma

Sérgio Borges

Príncipe é recebido com todas as honras oficiais

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

Bronzeado, com uniforme de cadete da Marinha da Espanha, o príncipe dom Felipe de Bourbon Grécia visitou ontem à tarde o Palácio do Planalto e presenteou o presidente José Sarney, que não fuma, com uma charreteira de prata, na qual foi inscrita uma dedicatória com o seu nome. O presente à dona Marly permaneceu fechado, por uma questão de disciplina, já que ela não estava presente.

O príncipe ganhou de Sarney uma espátula, também em prata, com cabo cravejado de pedras semipreciosas brasileiras.

Apesar de ter-se tratado de uma visita de cortesia, o príncipe teve to-

das as honras oficiais, subindo a rampa do Palácio do Planalto sob o olhar atento dos Dragões da Independência. O ministro das Relações Exteriores, Roberto de Abreu Sodré, que almoçará com o príncipe Felipe juntamente com o ministro da Justiça, Paulo Brossard, o acompanhou desde o pé da rampa até o salão de despachos, onde estava o presidente Sarney.

Além dos presentes, o príncipe entregou a Sarney uma carta de seu pai, o rei Juan Carlos, na qual, segundo o porta-voz do Palácio do Planalto, Antônio Frota Neto, saúda o povo brasileiro e informa que o filho está no Brasil em viagem de instrução militar, a bordo do navio-escola "Juan Sebastian Elcano", que está fundado no Rio.

Garcia faz críticas à indefinição de Sarney

AGÊNCIA ESTADO

"Se o presidente desejassem um conselho meu, eu lhe diria para propor logo à Assembleia Constituinte a fixação do seu mandato." Quem gostaria de aconselhar o presidente Sarney é o governador de Minas, Hélio Garcia, que ontem, em Teófilo Otoni, afirmou que essa iniciativa já deveria ter sido tomada, pois contribuiria "com uma saída para a atual crise brasileira". Partidário de um mandato de quatro anos para o atual presidente, Garcia acha que Sarney deve "verificar o período que considera necessário para fazer um bom governo e sugerir aos constituintes". Dessa maneira, em sua opinião, Sarney ganharia mais força até para negociar a dívida externa. "Com a indefinição fica difícil negociar, pois quem discute quer saber até quando o seu interlocutor permanecerá no cargo."

O governador mineiro assegurou que não pretende encurtar o mandato do presidente; apenas considera "fundamental que se coloque um fim nessa discussão sobre quantos anos deve durar o atual governo". Segundo Garcia, Sarney "tem legitimidade para o exercício da Presidência, porque foi eleito juntamente com Tancredo Neves". É necessário, contudo, que se defina logo até quando governará, "para saber se terá tempo para propor as soluções dos problemas que o País vive".

Garcia entende que hoje "falta ao Brasil a figura de um líder", motivo pelo qual "o povo brasileiro está praticando um voo cego, sem radar para se orientar". Para resolver esse problema, segundo o governador mineiro, nada melhor que a Constituinte marcar as eleições presidenciais, o que poderia contribuir para o surgimento de líderes "novos". "Todo país, quando está em crise, procura orientar-se por um grande líder, e eu,

incluindo-me entre todos os políticos, não vejo nenhum líder nacional neste momento" — frisou Hélio Garcia.

O governador de Minas prevê que o País viverá momentos de grande recessão em futuro próximo, mesmo renegociando sua dívida externa. Assim, ele voltou a insistir na idéia de um pacto político na Constituinte, ou seja, uma aliança de todos os partidos nela representados que apoia o governo Sarney. Esse pacto, em sua opinião, obteria rapidamente o que o governo pretendia com a fracassada proposta do pacto social.

MANDATO GARANTIDO

Ao sair de audiência com o presidente Sarney, ontem em Brasília, o ministro da Justiça, Paulo Brossard, voltou a falar da preferência da maioria dos futuros governadores com quem esteve recentemente: o mandato de seis anos, como previsto na atual Constituição, deve ser mantido pelo menos para Sarney. Mais uma vez Brossard fez questão de destacar que a iniciativa de tratar do assunto partiu sempre dos governadores eleitos.

O ministro garantiu também que essa questão não foi mencionada no seu encontro de ontem com o presidente Sarney. Brossard acha, no entanto, que o presidente tem nos governadores um conselho de primeira ordem, dos mais qualificados. Baseado nisso, o ministro da Justiça lançou a idéia de Sarney reunir-se periodicamente com todos os governadores, ou com um grupo deles. Mais uma vez Brossard garantiu que não tratou desse assunto com o presidente; trata-se apenas de "ponto de vista pessoal". Reforma ministerial é também um tópico que ele não conversou com os governadores eleitos. Outra opinião do ministro: Sarney não deve necessariamente tratar desse assunto com os governadores.